

# **O Futuro, o País e a Agenda do ‘País do Futuro’**

Marcelo Neri

**2014**

NERI, Marcelo C.

*"O Futuro, o País e a Agenda do 'País do Futuro' "* (Marcelo Neri), Rio de Janeiro, RJ – 2014 - FGV Social – 15 páginas.

As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getulio Vargas, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da FGV. Portaria FGV N°19.

# O Futuro, o País e a Agenda do 'País do Futuro'

Marcelo Neri<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto aborda a percepção de felicidade no tempo, e na relação entre percepção individual sobre a sua vida e sobre a vida do país. Por meio da reprodução de questões de pesquisas internacionais no Brasil estabelece comparação mais detalhada do Brasil com mais de uma centena de países. O exercício lança algumas luzes sobre a agenda de políticas públicas pregressas e prospectivas.

Na análise temporal, o Brasil apresentou entre 2010 e 2015 a nota mais alta de felicidade futura por cinco vezes consecutivas. Numa escala de 0 a 10, o brasileiro deu uma nota média de 8,6 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015, a maior de todos os países pesquisados. A média mundial é 6,7. Este fato fornece indícios sobre questões do país como a baixa propensão a poupança e a alta da taxa de juros vigentes.

O jovem, tal como o brasileiro, acredita que o melhor da vida ainda está por vir, refletido na queda da satisfação prospectiva declinar ao longo do ciclo de vida. Mais que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos esteve sempre acima de 9 pontos nos cinco anos analisados, marca nunca atingida pelos jovens de mais de uma centena de países pesquisados. Assim, o Brasil é pentacampeão mundial invicto de felicidade futura, ou de atitude jovem. Isto possibilita reconciliar duas qualificações atribuídas ao Brasil: “o país do futuro”, por uns, e “país jovem”, por outros.

Em relação a aspectos ligados a coletividade, percebe-se baixa expectativa do brasileiro quanto à felicidade geral da nação em comparação com a média da felicidade individual calculada para cada um. Há uma alta dissonância de cerca de 30% entre a visão prospectiva de cada brasileiro sobre sua vida e a visão sobre o conjunto do país. Este elemento seria consistente com a maior importância assumida no contexto nacional por problemas associados a ações coletivas, como alta inflação, desigualdade e violência. Estes problemas tornam o todo menor que a soma das partes, exigindo mobilização e coordenação da sociedade. A agenda de transformações que se coloca no país tem esta natureza coletiva, como os problemas urbanos brasileiros e de governança.

---

<sup>1</sup> Presidente do Ipea e ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR).

# O Futuro, o País e a Agenda do 'País do Futuro'

Marcelo Neri

## 1. Introdução

O futuro pode ser abordado e escrito desde diferentes perspectivas, o olhar do próprio autor de como será o futuro, ou de como as pessoas se vem no futuro. Ou ainda pode ser uma visão normativa de como gostaríamos que a vida fosse, ou um olhar positivo de como a vida é. Por exemplo, o autor pode dar a sua visão sobre os principais desafios futuros da sociedade brasileira no campo das políticas públicas. Outra possibilidade, é um exercício descritivo e interpretativo, de como os brasileiros enxergam o seu futuro. Este capítulo endereça a segunda abordagem.

Lançamos mão aqui de dados objetivos sobre a subjetividade das pessoas, derivados de pesquisas feitas com indivíduos acima de 15 anos de mais de uma centena de países. O caráter internacional nos permite diferenciar a visão brasileira daquela do resto do mundo. O Sistema de Informações sobre Percepções Sociais (SIPS) do IPEA começou, a partir de 2012, a replicar o mesmo tipo de pergunta com uma amostra representativa do país e de suas regiões, o que nos permite avaliar a distribuição deste tipo de percepção ao longo do território brasileiro.

Em termos substantivos, revelamos dois tipos de evidências sobre questões recorrentes no contexto brasileiro. O primeiro é a existência de um alto otimismo de cada filho deste solo em relação ao seu futuro. Este elemento foi captado por uma alta expectativa de satisfação individual com a vida cinco anos à frente. Este dado nos permitiria entender a denominação frequentemente associada ao Brasil como o país do futuro, além de nos fornecer pistas relativas a problemas derivados de como o brasileiro individualmente encara o tempo vindouro, como a baixa taxa de poupança doméstica e a alta taxa de juros aqui vigentes.

O segundo aspecto aqui abordado se refere à baixa expectativa de cada brasileiro quanto à felicidade geral da nação, indicando uma alta dissonância entre a visão de cada brasileiro sobre sua vida e a visão sobre o conjunto do país. Na interpretação aqui proposta, este elemento seria consistente com a maior importância assumida no contexto

nacional de problemas associados a ações coletivas, problemas esses que tornam o todo menor que a soma das partes, exigindo mobilização e coordenação da sociedade.

O endereçamento de problemas coletivos, pautam os principais avanços aqui ocorridos nos últimos quarenta anos, tais como a instituição gradual da democracia a partir de meados dos anos 1970s, a estabilização da inflação a partir dos anos 90 e já no século atual a queda da desigualdade de renda. A nova agenda de transformações que se coloca hoje no país tem esta natureza coletiva como os problemas urbanos brasileiros, quais sejam mobilidade urbana, esgoto e segurança, além de outros problemas que afligem o país como desmatamento e corrupção, entre outros.

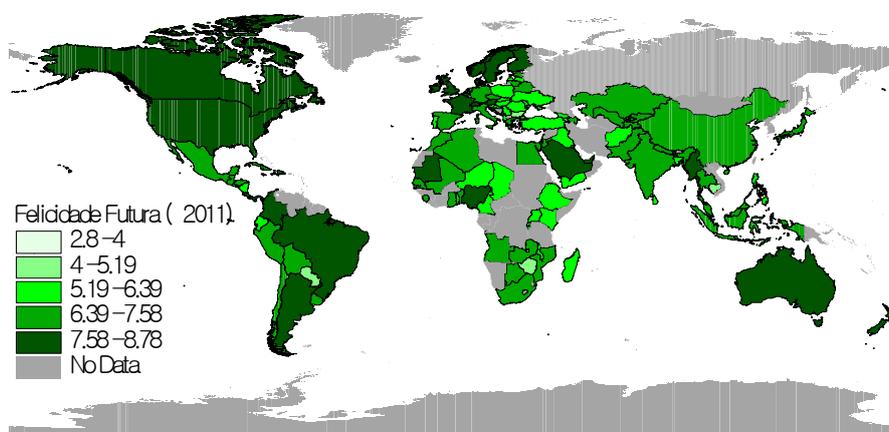
O texto está dividido em três seções além desta breve introdução. Na segunda seção endereçamos aspectos ligados à visão temporal dos indivíduos tal como captados por índices de felicidade futura. Na terceira seção tratamos da perspectiva do brasileiro sobre a felicidade geral da nação no futuro que representaria a relação das partes com o todo. Abordamos a luz da ótica de problemas de ação coletiva as principais mudanças brasileiras ocorridas ao longo das últimas cinco décadas. A quarta seção conclui analisando as implicações práticas da alta dissonância existente no Brasil entre as percepções sobre a felicidade individual e a felicidade geral da nação.

## **2. O País do Futuro**

Os dados do Gallup World Poll de 2006 sobre a satisfação com a vida estão disponíveis em uma amostra de 150 mil entrevistados em 132 países. Em uma escala de 0 a 10 em felicidade presente, a Dinamarca a ocupava a liderança com 8,02 e o Togo ocupava a última posição com 3,2. O Brasil estava numa posição mais para nação europeia do que para africana, atingindo 6,64, se situando acima do padrão internacional de felicidade dado o seu PIB *per capita*. O Brasil estava, entre 132, países na 22ª posição no ranking de satisfação com a vida presente e 52ª posição de PIB *per capita* nesta mesma lista de países (Deaton 2013).

Para além de satisfação presente com a vida, abordada no capítulo 11, detalhamos aqui questões sobre satisfação com a vida cinco anos à frente, conforme a figura abaixo ilustra.

**Figura 1**  
**Felicidade Futura (Satisfação com a Vida em Cinco Anos) 2011**



*Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006*

Na verdade, o Brasil ocupou em todas as edições realizadas da pesquisa entre 2006 e 2010, o lugar mais alto do pódio de felicidade futura com relação a 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015. Para se ter uma ideia da força desta regularidade empírica, a probabilidade de acontecer num sorteio aleatório é de 20 em um trilhão, evento de raridade maior que a probabilidade de um indivíduo acertar o sorteio da Sena, que equivale a acertar a sequência de seis números em 60. A positividade do brasileiro em relação ao futuro vis-à-vis outros povos é a regularidade empírica mais forte que encontrei nos últimos anos em minhas pesquisas.

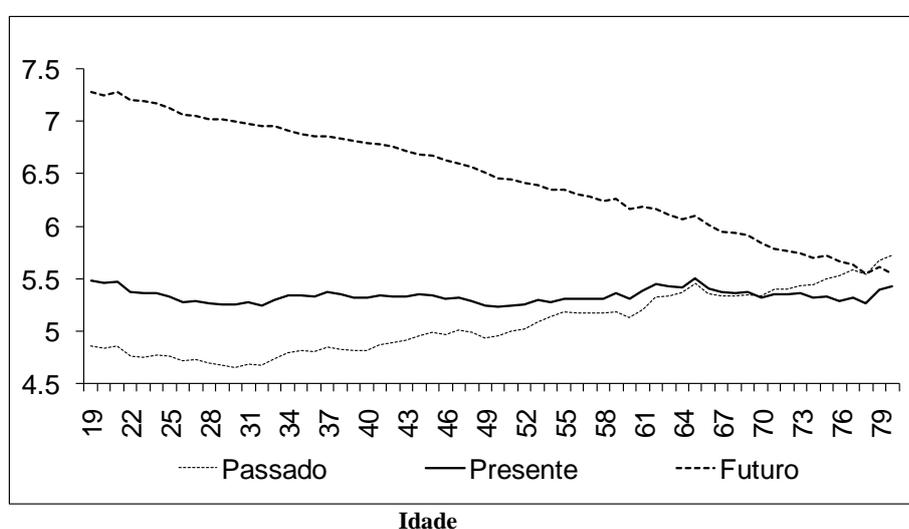
Restringindo-nos a última pesquisa de 2010, o brasileiro, numa escala de 0 a 10, dá uma nota média de 8,60 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015, superando todos os demais países da amostra. A média global e a mediana eram 6,7. Esse dado nos permite entender a expressão “Brasil: o país do futuro” de Stefan Zweig (1941).

Os demais países dos BRICS no ranking de felicidade futura em 2015 estão nas seguintes posições: África do Sul o 27º colocado, em 153 países, com nota de 7,7; Rússia com 6,4, o 105º colocado; China com 6,2, o 111º colocado e Índia com 6,1, o 119º colocado.

O brasileiro supera o dinamarquês, líder mundial de felicidade presente e 11º do ranking de felicidade futura. Os lanterninhas são a Síria – país que vem enfrentando uma situação política conturbada, e o Burundi – país mais pobre do continente africano.

**País Jovem** - A satisfação com a vida no presente é relativamente estável ao longo do ciclo da vida. Já a satisfação prospectiva de um cidadão do mundo com a vida cai com a idade do indivíduo em todos os países e anos analisados. Tomando como exemplo a felicidade futura de 2011 feita a partir de 2006, a mesma sai de 7,41 aos 15 anos e chega até 5,45 para aqueles com mais de 80 anos, quando as felicidades presente e futura se equivalem. Na idade das debutantes, a média futura é 3,3 pontos melhor que a média de felicidade presente.

**Figura 2**  
**Satisfação com a Vida em diferentes momentos e Ciclo de Vida (Idade)**



*Fonte: microdados do Gallup World Poll/2006*

Juventude é um estado de espírito não determinado pela idade em si, mas pela atitude da pessoa diante do futuro. O jovem acredita que o melhor da vida ainda está por vir. Como vimos, para o brasileiro mediano, já era particularmente alta a expectativa em relação futuro, mais alta do que qualquer um dos outros países pesquisados. Ou seja, somos campeões mundiais de felicidade futura, ou de atitude jovem. Há uma interpretação que permite reconciliar duas qualificações recorrentemente atribuídas ao Brasil: "o país do futuro", por uns, e "país jovem" por outros. Mais do que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos é 9,29, também superior a qualquer outro país pesquisado. Nas cinco pesquisas analisadas, a nota média do jovem brasileiro nunca caiu abaixo de 9, ao passo que o resultado deste nível não foi observado entre os jovens em nenhum dos mais de 100 países analisados.

### **3. A Felicidade Geral da Nação**

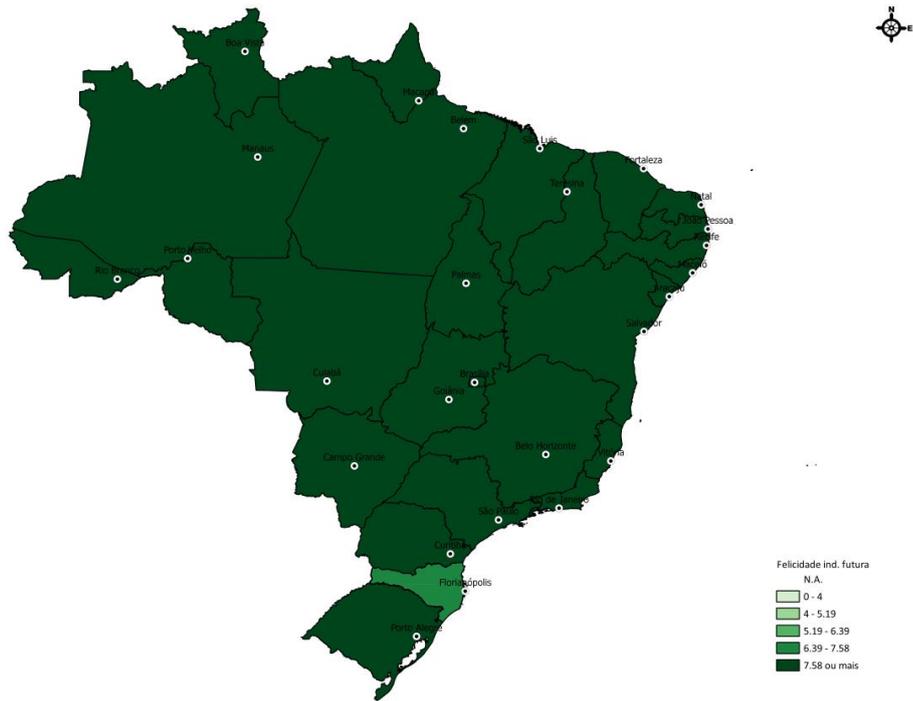
A vida de cada brasileiro vai melhor que a do coletivo de brasileiros, leia-se do Brasil. Na pergunta subjetiva sobre a expectativa da satisfação de vida de cada pessoa em cinco anos, a média brasileira foi sempre a maior. Já na pergunta que se refere à nota do país no mesmo período e na mesma escala, a nota cai dois pontos, indo para 6,8 em 2006. Éramos o nono em 160 países do mundo com maior diferença de notas individuais e coletivas. A felicidade geral da nação é menor que a soma das felicidades de cada um. Como cada brasileiro pode dar uma nota tão alta para sua vida e dar uma nota tão baixa para a vida de todos? Eis a questão.

Antes de tentar entender dissonância entre as percepções sobre a felicidade individual e a coletiva é importante notar a sua constância no universo de pesquisas disponíveis. Os resultados de outra pesquisa do Gallup de 2008 mostram que a expectativa de satisfação geral da nação cinco anos à frente continuava 6,8, enquanto a expectativa de felicidade individual na mesma data era 8,68.

A fim de atualizar esta questão para os dias atuais, o IPEA incluiu as mesmas perguntas do Gallup em pesquisa de campo com cerca de 3800 indivíduos com 15 anos ou mais de idade, entrevistados em abril de 2013. Houve manutenção da avaliação da felicidade geral da nação para 2013 em 6,8, demonstrando sua inércia. Neste ínterim houve queda da felicidade individual para 8,46, o que pode estar conectado com a ocorrência de manifestações populares em julho de 2013.

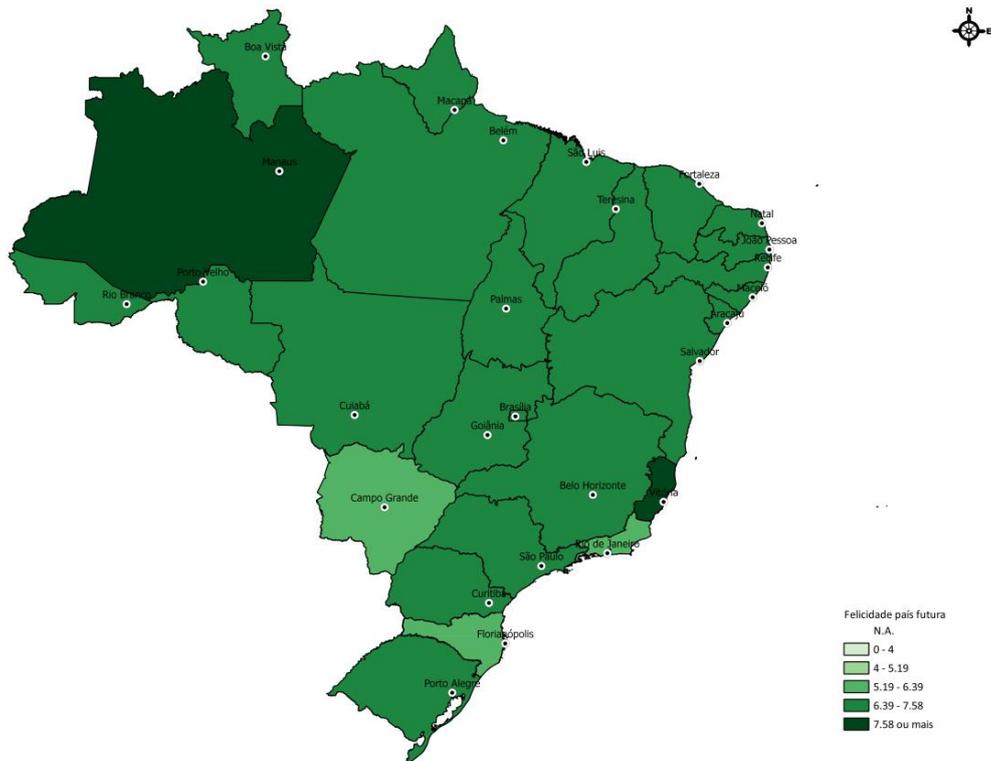
A distribuição geográfica de ambas as expectativas, entre as unidades de federação brasileiras estão mapeados na mesma escala nas figuras abaixo. Nela nota-se o tom mais escuro das expectativas individuais vis-à-vis as coletivas em todas as 27 unidades abordadas.

**Figura 3 - Expectativa de satisfação com a Vida Individual 2018**



*Fonte: microdados do SIPS/IPEA 2013*

**Figura 4 - Expectativas de satisfação com a Vida Coletiva em 2018**



*Fonte: microdados do SIPS/IPEA 2013*

**O Coletivo de Brasileiro** - A dissonância entre as percepções de vida de cada brasileiro sobre sua vida e sobre a vida de todos os brasileiros é uma marca tupiniquim, a nossa jabuticabeira. Talvez fruto destas percepções, os grandes problemas brasileiros sejam de natureza coletiva, e não individuais. Não que os últimos não sejam problemas aqui relevantes, pois em todas as partes sempre o são. Porém, a nossa dificuldade diferenciada enquanto nação, vis-à-vis as demais, está mais na relação entre pessoas. Isto é, o problema do Brasil é mais do Brasil como um todo do que de cada brasileiro. Por problemas coletivos temos concretamente a desigualdade, inflação, informalidade, violência, falta de democracia, entre outros. Mas por que chamá-los de problemas coletivos? Por exemplo, desigualdade, ao contrário da pobreza, é um conceito relacional que não existe no indivíduo tomado isoladamente. Não podemos dizer que uma pessoa é desigual, mas dizemos que uma pessoa é, ou não é, pobre. O Brasil não é um país pobre, mas temos muitos pobres, pois somos desiguais. Muitos têm pouco, enquanto poucos muito têm.

A pobreza brasileira resulta da nossa alta desigualdade, e não da baixa renda média. Ou seja, deriva de um problema inerente ao coletivo brasileiro. Similarmente, a violência é de natureza relacional, de um contra todos e de todos contra um. Isto se aplica tanto na agressão dos assaltos e dos homicídios como na violência do trânsito. Mais uma vez, refletem problemas de relacionamento entre brasileiros. E o suicídio, não é violência? O suicídio é o ato intencional de matar a si mesmo, mas a nossa taxa de suicídio é relativamente baixa em comparação com a de outros países “mais civilizados” como Suécia e Japão. Ou seja, o problema da violência aqui presente é de natureza coletiva.

A informalidade é outro problema de relacionamento de pessoas físicas e jurídicas em relação ao Estado, materializada na evasão fiscal ou na ocupação do espaço público que a princípio deveria ser de todos. A falta de instituições e práticas democráticas é outra dimensão mais óbvia desta dificuldade de funcionamento em coletividade. Finalmente a inflação, um destaque maior. Apesar de termos feito a estabilização há 15 anos no lançamento do Plano Real, o Brasil no período 1970 a 2008 é o segundo país do mundo em inflação acumulada, só perdendo para o Congo. O fenômeno da inflação guarda sempre conflitos distributivos, seja na disputa entre o Estado e a população em geral na busca do imposto inflacionário, seja no velho conflito entre capital versus trabalho. A disputa entre diferentes atores por parcelas no bolo de renda traduzidas em reajustes dos respectivos preços, salários, câmbio, impostos e tarifas públicas geraria a chamada irracionalidade coletiva.

As externalidades negativas emanadas pelo oportunismo individualista, faz com que o todo seja menor que a soma das partes. Este fenômeno é objeto de vários clássicos brasileiros, como os de Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Da Matta, só para citar alguns.

**Décadas** - A novidade das últimas décadas é que pudemos, através da melhora de relacionamentos, dar um salto enquanto sociedade. As décadas de 60 e 70 foram de crescimento, do chamado milagre econômico brasileiro a partir do golpe militar de 1964. Não por coincidência, quando o crescimento começou a escassear devido ao choque do petróleo, houve o começo da distensão política, iniciada logo após a vitória eleitoral da oposição em 1974. O processo culmina nos anos 80, a década da redemocratização, cujo ápice foi o movimento “Diretas Já” de 1984. Terminamos os anos 1980 com eleição direta para presidente, e com os nossos recordes históricos de desigualdade e inflação, que marcam a agenda das décadas seguintes. Os anos 90 podem ser chamados de década da estabilização, após o advento do Plano Real em 1994. Já os anos 00 podem ser chamados de década da queda da desigualdade de renda, já a partir de 2001. Em 2004, a redução de desigualdade vem acompanhada da volta do crescimento da economia e da aceleração de novos empregos com carteira. Isto é, tivemos conquistas em dois de nossos históricos problemas coletivos, desigualdade e informalidade. Ao mesmo tempo, consolidamos as frentes da redemocratização e da estabilidade econômica. Depois das turbulências financeiras associadas ao pleito de 2002, o choque de confiança dado no sistema valeu como uma espécie de segundo Plano Real.

A volta do crescimento, desde 2004, torna o processo redistributivo um jogo de somas positivas, onde o ganho de maiores fatias do bolo pelos mais pobres não implica em perdas absolutas dos mais ricos. É mais fácil pensar em prol da coletividade quando perdas não estão sendo repartidas. No período iniciado em 2004 temos desenvolvimento inclusivo, combinando queda de desigualdade com crescimento de renda e geração de empregos formais. A multiplicação das carteiras de trabalho de trabalho, inaugurada depois do fim da recessão de 2003, é o maior símbolo da nova classe média que emerge na última década (Neri 2011).

Na tradicional metáfora das décadas, devemos esquecer o calendário gregoriano, já que os pontos de inflexão das inovações centrais de cada uma das décadas não foram no início de cada uma delas, mas coincidentemente em anos terminados em 4: 1964 (golpe militar), 1974 (início da abertura política), 1984 (Diretas-Já), 1994 (Plano Real) e 2004 (ascensão da nova classe média). Isto sem falar no suicídio de Getúlio Vargas em 1954.

Todas estas conquistas coletivas estão em movimento. A possibilidade de avanço é proporcional ao estoque de problemas existente. Que novo avanço buscar para 2014, para além da Copa do Mundo de futebol, o nosso derradeiro evento coletivo? As manifestações populares de junho de 2013 trazem gritos de mudança, a começar pelo transporte público, pelo combate à corrupção, pela qualidade dos serviços de saúde e educação. Estratos superiores perderam espaço na última década no bolo de renda nacional e tiveram capacidade de mobilização turbinada pelas novas tecnologias de comunicação. Aliados às aspirações da agora não tão nova classe média, colocam na ordem do dia novas mudanças. Mas esta será uma nova história.

#### **4. Conclusão**

A tese central do capítulo fala da relação de cada brasileiro em relação ao tempo vindouro e à coletividade. No primeiro ponto, o Brasil é pentacampeão mundial invicto de felicidade futura. Numa escala de 0 a 10, o brasileiro dá uma nota média de 8,6 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015, a maior de todos os países pesquisados. A média mundial é 6,7. O Brasil já ocupava o primeiro lugar na expectativa com relação a 2011, 2012, 2013 e 2014. Estes dados subjetivos nos permitem entender a expressão “Brasil: o país do futuro”, criada há 70 anos por Stefan Zweig. Também permitem entender porque temos uma baixa taxa de poupança e uma alta taxa de juros, por exemplo.

O jovem, tal como o brasileiro, também acredita que o melhor da vida ainda está por vir. A satisfação prospectiva de um cidadão da aldeia global declina ao longo do ciclo de vida. Mais do que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos foi sempre acima de 9 nos cinco anos analisados, marca nunca atingida pelos jovens de mais de uma centena de países pesquisados. Ou seja, somos campeões mundiais de felicidade futura ou de atitude jovem. Isto nos permite reconciliar duas qualificações frequentemente atribuídas ao Brasil: "o país do futuro", por uns, e "país jovem", por outros.

O outro aspecto aqui abordado se refere a uma relativamente baixa expectativa de cada brasileiro quanto à felicidade geral da nação, indicando uma alta dissonância de cerca de 30% entre a visão prospectiva de cada brasileiro sobre sua vida e a visão sobre o conjunto do país. Na interpretação aqui proposta, este segundo elemento seria consistente com uma maior importância no contexto nacional de problemas associados a

ações coletivas, problemas que tornam o todo menor que a soma das partes, exigindo mobilização e coordenação da sociedade. Exemplos tais como alta inflação e alta desigualdade, que situavam o Brasil no topo do ranking internacional entre países, foram objeto dos principais avanços da sociedade brasileira nas duas últimas décadas.

## REFERÊNCIAS

---

DEATON, A. **The Great Escape: Health, Wealth and the Origins of Inequality**, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 360 p, 2013

NERI, M. C. **A Nova Classe Média: O Lado Brilhante da base da Pirâmide**, Editora Saraiva: São Paulo, 312 p., 2012

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um País do Futuro**. 1ª Edição. Editora L&PM Pocket, 2006. 264 p.



Praia de Botafogo, 190, Sl. 1501 - CEP: 22.250-900 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: 21.3799-2320 / E-mail: [fgvsocial@fgv.br](mailto:fgvsocial@fgv.br)  
[www.fgv.br/fgvsocial](http://www.fgv.br/fgvsocial)